

Porto



Fábrica em crise

Paragem de um dia em julho de 2014

Julho de 2014 já ia a mais de meio quando os trabalhadores da Camac pararam de produzir e concentraram-se à entrada da fábrica, para reclamar o salário de junho, então vencido, e o subsídio de Natal de 2013. Na altura, a paragem foi de um dia.

Denunciada falta de matéria-prima

Segundo os trabalhadores, a Camac já produziu uma média de 3500 pneus/dia. Armindo Rodrigues, operário e sindicalista, conta hoje cerca de 150. Dizem os operários que não faltam clientes, mas falta liquidez para adquirir matéria-prima.

Santo Tirso Situação aflitiva para trabalhadores da Camac com salários em atraso. Estão parados desde sexta

Já há operários a passar fome

Ana Correia Costa
locais@jn.pt

► “Encostamos todos à ‘box’”, graça-se na Camac, em Santo Tirso, a confirmar que todos os operários da única fábrica nacional de pneus estão parados desde sexta-feira e que assim vão continuar até terem os ordenados em dia.

São perto de 140. Vão fintoando o desalento assim; uma ou outra lancha lançada para desanuviar. Para arrancar sorrisos de rostos consumidos pela preocupação. Para aquietar o desespero de não ter como honrar compromissos. Para esquecer, por instantes, que ali já há quem esteja a passar fome. Ou para não lembrar o episódio de sexta-feira, quando, de novo ultrapassado o prazo assumido pela administração para pagar o salário de abril, viram um colega ir de urgência para o hospital com um ataque de ansiedade seguido de outro de epilepsia.

“Há pessoas a passar fome. Há pessoas que só estão a fazer uma refeição por dia, na cantina [da fábrica], e que para pagarem os 75 centimos do almoço fazem sacrifício. A administração já está a dar crédito para os que têm mais dificuldades poderem almoçar”, revela Manuel Gonçalves, operário e dirigente do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Transformadoras (SITE) do Norte. “Mas há quem tenha vergonha de pedir”, lembra outro funcionário. O sindicalista confirma.

A empresa fez nova promessa e comprometeu-se a pagar até amanhã. Os trabalhadores, que ainda aguardam pelo subsídio de Natal de 2014, multiplicam a descrença e repetem que “não acreditam”. A maioria – lembram – viu um filme semelhante em 2008, quando falharam salários e a Camac parou



Operários garantem que só começam a trabalhar quando tiverem o dinheiro nas respetivas contas

Empresa pode voltar à insolvência

► Além da falta dos ordenados, os funcionários da Camac vivem ainda com a espada do PER – Plano Especial de Revitalização sobre as cabeças, à espera de que o Tribunal de Santo Tirso decida sobre o processo que deu entrada no início de abril. A empresa lançou mão daquele programa depois de ter falhado o recurso ao SIREVE – Sistema de Recuperação de Empresas por Via Extrajudicial, previsto no Código da Insolvência e Recuperação de Empresas (CIRE) e gerido pelo IAPMEI (Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas), organismo que em 2009 injetou quatro milhões de euros na fábrica para ajudá-la a retomar a atividade. A Camac apresentou-se agora ao PER com uma dívida de perto de 10 milhões de euros. Caso o tribunal rejeite o plano de revitalização apresentado pela empresa de Santo Tirso, a fábrica pode voltar a uma situação de insolvência.

por ano e meio, insolvente. “Não acreditamos, e mantemos o que estava destinado. Eles disseram que, se arrancássemos hoje [ontem], não descontavam os dias em que estivemos parados, mas só arrancamos quando tivermos o dinheiro nas contas”, garante Manuel Gonçalves, lembrando que há “constantemente” salários em atraso “desde há três meses”. Tal como há sete anos, apontam-se “problemas de tesouraria” para explicar a falta de liquidez da fábrica.

O JN tentou falar com Fernando Rodrigues, administrador da Camac que a meio da tarde de ontem foi à fábrica, mas a única resposta que obteve, via portaria, foi a de que “a administração não está disponível”. ●



“Tenho três filhos na escola e só conto com o ordenado da minha esposa, que é professora contratada”
José Dinis
Operário



“Tenho de enviar os papéis necessários para a suspensão do contrato, para pressionar”
José Sousa
Operário



“Há uma carteira de clientes fabulosa. Há 27 anos que não me lembro de haver uma assim”
Manuel Gonçalves
Dirigente sindical



“Estes sucessivos atrasos mexem com tudo. Inclusive, com a cabeça das pessoas”
Joaquim Teixeira
Operário